



MODIFICAÇÕES DO PROCESSO AVALIATIVO DA APRENDIZAGEM NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Mônica de Almeida Mendes*

José Luiz Müller**

RESUMO

A presente pesquisa aborda a temática: Modificações do processo avaliativo da aprendizagem nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Apresentamos os aspectos que envolvem a avaliação no método tradicional de ensino, bem como, a metodologia utilizada na Escola Organizada por Ciclos de Formação Humana, que traz uma nova metodologia de ensino e uma nova forma de avaliar, chamada de avaliação formativa, que tem por objetivo buscar a interação professor/aluno, respeitando as capacidades, oportunizando-os momentos de expressar suas idéias. Embasamo-nos em autores como Jussara Hoffmann e Jefferson Mainardes, que colaboram para o entendimento de questões como: O que é avaliar e Qual a importância da avaliação na Educação tradicional e nos Ciclos. Utilizamos a Lei de Diretrizes e Bases, para nos informar quanto à forma de organização curricular, como a avaliação deve ocorrer de modo que promova o desenvolvimento do aluno. Para contemplar as questões que nortearam a investigação, utilizamos o método de pesquisa qualitativo, por meio de questionários, bem como realização de entrevista com uma profissional do Centro de Formação e Atualização dos Profissionais da Educação Básica de Sinop - MT, que nos apresentou a visão atual dos problemas e evoluções deste modelo de avaliação. Por fim, consideramos a avaliação no dia a dia da educação, apresentando a necessidade de todos os tipos de avaliação de maneira que são apresentadas as situações em que cada uma é utilizada, e quais seus objetivos ao serem aplicadas.

Palavras-chave: Educação. Avaliação. Instrumento de Aprendizagem. Avaliação Formativa. Avaliação Somativa.

* Acadêmica do 7º Semestre de Pedagogia *Campus* Universitário de Sinop, UNEMAT, pertence ao grupo de orientação do Professor Me. José Luiz Müller.

** Professor Licenciado em Filosofia, especialização em Didática e Mestrado em Educação pela UNIJUI. Concursado na área de Didática, desde 1994 na UNEMAT-*Campus* Universitário de Sinop.

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa abordou acerca das mudanças que ocorreram na avaliação escolar no Ensino Fundamental, suas concepções e seus objetivos pedagógicos. Abordamos sobre as formas com que têm sido efetuadas as avaliações e os questionamentos que envolvem o tema, desde o modelo de avaliação da educação tradicional, suas implicações, apoios e questionamentos, bem como, a maneira de avaliar pela qual a educação brasileira tem passado nas últimas décadas, onde uma nova forma de pensar avaliação é aplicada pelo modelo de Escola Organizada por Ciclos de Formação Humana (EOCFH).

Encontramos defensores desta ou daquela metodologia avaliativa, porém percebemos que mesmo com todos os argumentos contrários ou a favor, os modelos avaliativos permanecem em suas diversas formas e continuam sendo aplicados nos mais diversos tipos de órgãos educacionais e por segmentos da sociedade que precisam fazer seus processos seletivos, concursos, vestibulares, etc.

Nossa proposta foi apresentar quais os propósitos das concepções de avaliação apresentadas, expondo o processo de transição, como são esses modelos avaliativos, conceituando suas devidas definições, bem como suas aplicabilidades no contexto escolar, quais são os sentidos das avaliações escolares que se têm direcionado e os debates sobre os modelos de avaliação utilizados tanto pelos modelos que fazem a retenção de alunos, bem como as formas inovadoras de avaliação que tem por objetivo promover o conhecimento e a formação do indivíduo enquanto cidadão. Para tanto, estruturamos a presente pesquisa de maneira que fosse apresentada a metodologia utilizada para a elaboração desta, no qual foram expostas as formas de coleta dos dados, suas análises e os procedimentos pelos quais norteamos nossas atividades. O desenvolvimento da pesquisa ocorreu por meio de questionários entregues a professores fora do âmbito escolar, bem como entrevista com a Professora Ângela Maria Dezan Barbio, no período entre 01/04/2011 à 13/04/2011. Para a realização a contento desta, estudamos as formas de avaliar no passado por meio de uma revisão de literatura embasada em autores como Paulo Freire, bem como conceitos de avaliação formativa, embasada por Jussara Hoffman, Jefferson Mainardes entre outros.

Apresentamos o contexto histórico do processo avaliativo escolar. Tratamos dos conceitos de avaliação tradicional e como ocorreu, bem como o conceito de avaliação que temos atualmente, por meio do modelo de escola Organizada por Ciclos de Formação Humana. Abordamos também acerca do professor na atualidade e os métodos avaliativos,

onde apresentamos a entrevista com a Professora Barbuio, que atua no CEFAPRO (Centro de Formação e Atualização dos Profissionais da Educação Básica). Discutimos a avaliação como um instrumento de aprendizagem, nele, abordamos sobre a necessidade e a utilização de diferentes tipos de avaliação nos mais diversos contextos e situações da educação, bem como a que propósito cada tipo de avaliação foi desenvolvido e quando são necessários.

Por fim, trouxemos os alinhavos finais acerca do tema, apresentando as devidas opiniões que podemos perceber no que se refere aos debates que envolvem o tema da avaliação.

2 CAMINHOS DA INVESTIGAÇÃO

Para que ocorresse esta pesquisa, houve necessidade que se soubessem quais os métodos adequados para a realização desta, para, à partir daí, seguir desenvolvendo em cima dos caminhos analisados. Tais caminhos metodológicos foram percorridos por meio de 27 questionários deixados a profissionais da educação, dentre eles formados em Pedagogia, Letras e Matemática, bem como entrevista realizada com a professora Ângela Maria Dezan Barbuio, profissional que atua no Centro de Formação e Atualização dos Profissionais da Educação Básica (CEFAPRO). A coleta de dados foi feita com professores que estão atuando na educação e que estão envolvidos no processo de transição da metodologia de ensino tradicional para Escola Organizada por Ciclos de Formação Humana, no qual o intuito foi obter uma conversação em momento real com o professor, utilizando questionários semi estruturados, obtendo assim, as informações necessárias, tal como descreve Marconi e Lakatos (2001). Professores estes que se tornam os principais sujeitos da pesquisa, pois, por meio de seus argumentos e posturas foram tecidos os argumentos a respeito do tema.

Os questionários e a entrevista foram analisados qualitativamente, haja vista que, levamos em consideração a opinião dos sujeitos pesquisados, e ao se tratar de avaliação, precisamos abordar a qualidade das mesmas, para partirmos para a triangulação de dados. Acerca da pesquisa qualitativa, Goldenberg (2007, p. 14) discorre que:

Na pesquisa qualitativa a preocupação do pesquisador não é com a representatividade numérica do grupo pesquisado, mas com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, de uma instituição, de uma trajetória, etc.

Quanto aos objetivos, utilizamos a pesquisa de maneira descritiva, uma vez que, segundo Triviños (1987, p.110), “[...] os estudos descritivos exigem do pesquisador uma série

de informações sobre o que deseja pesquisar [...]. O estudo descritivo pretende descrever “com exatidão” os fatos e fenômenos de determinadas realidades”. O procedimento utilizado ocorreu por meio de uma análise documental, realizada por meio de pesquisa bibliográfica, que tem como objetivo a procura de dados e informações sobre o tema em fontes diversas, como jornais, livros, revistas, boletins informativos de empresas ou institutos, enciclopédias, dicionários, bem como fontes eletrônicas. Sendo ainda que a mesma “fornece ao investigador a possibilidade de resumir uma grande quantidade de informações sobre leis estaduais de educação, processos e condições econômicas, planos de estudo, requisitos de ingressos, livro-texto, etc.” (TRIVIÑOS, 1987, p. 111).

3 REFERENCIAL TEÓRICO E ANÁLISES DA INVESTIGAÇÃO

A avaliação na a abordagem tradicional foi transmitida através dos anos com tendências e manifestações diversas. Nesta abordagem, o homem é ensinado por meio de um sistema que lhe passará o conteúdo e aquilo que foi julgado necessário para sua vida. De acordo com a ‘educação bancária’, Freire discorre que: “Se o educador é o que sabe, e os educando os que nada sabe, cabe àquele dar, entregar, levar, transmitir o seu saber aos segundos. Saber que deixa de ser de ‘experiência feito’ para ser experiência narrada ou transmitida” (1987, p. 60, grifo do autor). O conhecimento é considerado, neste tipo de avaliação, pela capacidade de acumular, armazenar informações, que partem das estruturas mais simples as mais complexas. Cabe a escola o papel ou a característica de ser “o lugar por excelência onde se realiza a educação, a qual se restringe, em sua maior parte, a um processo de transmissão de informações em sala de aula e funciona como uma agência sistematizadora de uma cultura complexa” (MIZUKAMI, 1986, p. 12).

Nas pesquisas que realizamos com professores em Sinop - MT, não encontramos nenhum professor que utilize apenas a prova ou trabalho como método avaliativo. Em geral são utilizados instrumentos como seminários, realização de atividades em casa, na escola, pontualidade, assiduidade, participação, etc. No entanto, quando o assunto é recuperação, ou seja, quando o aluno tem dificuldade em atingir os objetivos em sala, a realidade muda drasticamente, sendo que dos 27 professores entrevistados, 09 dos professores afirmaram aplicar somente uma nova prova e um trabalho como forma de recuperar o aluno que não conseguiu atingir os objetivos propostos em sala, os outros disseram utilizar várias outras formas de recuperação. O modelo de professor tradicional foi indicado por 09 dos 27 professores entrevistados como sendo o fator positivo que mais marcou a vida quando os

mesmos eram estudantes e alegam sentir falta desse tipo de profissional na educação atual. Para 14 dos 27 professores entrevistados, esse tipo de professor foi algo que os marcou de forma negativa, associado com o medo de matemática, medo de leitura em públicos e pavor de provas. Dos entrevistados, 02 preferiram não opinar ou não responder e 02 disseram que o fator negativo em suas vidas escolares foi terem sido vítimas de *bullying*.

Como vimos, a maioria dos professores entrevistados não concordam ou tem resistência ao processo de implantação da política de organização escolar na forma de ciclos. Suas principais reclamações são que a teoria é bonita, porém, colocar em prática é outra coisa. Para a professora Araujo (2006), os principais desafios são o fracasso escolar, ela apresenta dados de 1989 que apontam “um índice médio de 35,3% de repetência e 7,2% de evasão” (p.15), com a proposta de não ser mais um modismo e resolver a realidade do fracasso escolar obtido pelo velho sistema de escola seriada. Após a Lei de Diretrizes e Bases (LDB) nº 9.354/96, vários estados e municípios tem implantado o ensino pelos modelos da Escola organizada por ciclos.

Após termos analisado os aspectos que a avaliação passou no decorrer da história da educação, desde a educação tradicional até o momento em que vivemos, onde diversas nomenclaturas são elaboradas para tentar explicar e conduzir uma educação para os propósitos que a mesma se destina, precisamos neste momento abordar uma questão que parece ser a grande confusão na cabeça dos professores: hoje, devemos ou não avaliar? Como ensinar sem aplicar provas? Como fazer o aluno ser participativo e aprender se ele sabe que não vai ter provas e não será retido? Demo (2002, p. 32) diz que:

Como regra, professores e pedagogos mais temem do que sabem discutir avaliação. Tratando de si mesmos, têm pavor de serem avaliados [...] entretanto, esse pavor não é, nem de longe, o mais problemático: mais preocupante é que qualquer avaliação vai escancarar as precariedades do desempenho do professor pedagogo, e que são, literalmente indizíveis [...] mas, entre outras coisas, teme-se também isso: que a avaliação crucifique o professor e o pedagogo como únicos culpados.

Se por um lado existe esse receio de avaliar e ser avaliado, por outro existe também o professor que se sente indefeso em sala de aula se não puder contar com um instrumento avaliativo para ser usado como forma de controle sobre os alunos.

Durante a entrevista com a Professora Barbuio, ela nos passou a seguinte realidade pronunciada por professores que dizem:

(01) Barbuio: Nós tínhamos uma arma, que era a reprova, ou aprova, tínhamos uma arma que era a reprova que fazia com que o aluno fosse obrigado a estudar, hoje, nós não temos mais isso.

Segundo ela este pensamento ainda ocorre por que é uma:

(02) Barbuio: Questão de concepção, então não tem como nós mudarmos uma metodologia, uma forma de avaliação sem que o professor mude a sua concepção de Educação. Então nós ainda temos muita resistência nesse sentido.

Em Mato Grosso, no ano de 1998, a Secretaria Estadual de Educação de Mato Grosso (SEDUC) implantou esse sistema nas duas séries iniciais do Ensino Fundamental, chamando de CBA – Ciclo Básico de Aprendizagem. A partir do ano 2000 a SEDUC implantou automaticamente a proposta curricular organizada por ciclos (ARAUJO, 2006). Segundo Mainardes (2009) a nível de Brasil, no entanto, o CBA foi implantado em 1984 na rede estadual de São Paulo.

Sendo que o objetivo maior seria “garantir aos educandos o direito constitucional à continuidade e terminalidade dos estudos escolares” (WEIMER e NAKATANI, 2001, p.17), onde a intenção não seria apenas uma estratégia para eliminar a evasão e a repetência, mas onde a idéia “está baseada na dimensão formativa, na diversidade de ações pedagógicas como condição necessária ao aprimoramento no trabalho educativo para atender as características e necessidades dos educandos” (WEIMER; NAKATANI, 2001, p. 25).

Os ciclos ficaram assim divididos, com idades aproximadas¹:

1º CICLO: 1º fase →06 a 07 anos; 2º fase →07 a 08 anos 3º fase →08 a 09 anos

O primeiro ciclo entende a fase de desenvolvimento da infância e compreende a antiga pré-escola, 1º e 2º série.

2º CICLO: 1º fase →09 a 10 anos; 2º fase →10 a 11 anos 3º fase →11 a 12 anos

O 2º ciclo entende a fase de desenvolvimento da pré-adolescência e compreende as antigas 3º, 4º e 5º série.

3º CICLO: 1º fase →12 a 13 anos 2º fase →13 a 14 anos e 3º fase →15 a 16 anos.

O 3º ciclo entende a fase da adolescência e compreende as antigas 6º, 7º e 8º séries.

Entre tantas mudanças e inovações interessa-nos as mudanças ocorridas na forma de avaliar o aluno. O conceito de avaliação desse modelo é o seguinte: “A avaliação escolar é um

¹ As informações aqui apresentadas tomam por base o quadro nº1, p. 52 de Weimer e Nakatani, 2001.

componente do processo ensino aprendizagem e uma tarefa que não se resume a realização de provas e atribuição de notas” (WEIMER; NAKATANI, 2001, p.177). Sendo que a avaliação é considerada uma atividade da ação educativa que visa a promover o desenvolvimento humano. Como instrumentos de registro de aprendizagem ela é feita de forma contínua, onde, no “lugar de provas de controle, boletins e notas, a avaliação baseia-se, sobretudo, na observação minuciosa e na discussão coletiva sobre o processo de aprendizagem do aluno” (IDEM, p.181). A professora entrevistada discorre que:

(03) Barbuio: É uma forma de organização curricular que têm outra concepção, diferente daquela concepção tradicional, da Escola nova, ou da escola Tecnicista. É uma concepção que prima pela individualidade, pela questão tempo de aprendizagem de cada aluno. Para resumir, é uma escola que não exclui, mas inclui o ser humano no processo educativo para que ele consiga aprender tudo o que a humanidade já produziu enquanto conhecimento.

O método avaliativo utilizado pela escola organizada por ciclos têm influenciado muito a educação, cada vez mais professores têm utilizado diferentes metodologias para avaliar. Os professores estão utilizando vários mecanismos como provas em dupla, trabalhos em grupo, seminários, vistos no caderno, realização de atividades sem sala, pontualidade, assiduidade, prova com consulta. Hoffmann ressalta que não se faz educação sem avaliação “a avaliação é essencial à educação” (1993, p. 17), porém a avaliação, segundo a autora, deve ter um sentido indagativo, investigativo, não baseado em verdades absolutas e pré-moldadas, de modo que faça com que o aluno construa o conhecimento.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebemos ao longo da pesquisa que falar e debater sobre avaliação não é tarefa das mais fáceis e nem das mais agradáveis, não pelo assunto em si, mas pelo que envolve tal tema. Encontramos desde traumas vivenciados por alunos que se sentem impotentes mesmo em suas vidas adultas para lidar com tal assunto, até aqueles que questionam e fazem questão de que todas as formas de avaliar estejam presentes. Vale citar aqui uma declaração feita por uma professora durante a aplicação do questionário, de que os pais dos alunos exigem que as avaliações aconteçam. Falar sobre o assunto sem um mínimo de aprofundamento sobre o tema pode ser perigoso porque percebemos que existem várias formas de interpretar e entender e aplicar o conceito de ‘avaliação’.

Quando entramos no contexto da Escola Organizada por Ciclos de Formação Humana, temos uma concepção completamente diferente do tema. A avaliação aqui é apresentada como algo que visa à formação do aluno de maneira que o aluno torne-se argumentativo e que tenha condições de solucionar problemas vivenciados em seu meio e responder de satisfatoriamente as mais diversas situações. Tarefa esta que é proposta pela avaliação formativa.

Mas temos também os objetivos que precisam ser alcançados por aqueles que se propõe a isso, que é ingressar em uma faculdade, passar em um concurso ou disputar uma vaga de emprego. Para isso, o conhecimento acumulado se faz necessário por ser esta a forma de seleção vigente. Para tanto, a avaliação somativa, ou avaliação tradicional é o meio apresentado como sendo o mais indicado para se conseguir tal intento.

Avaliar e ser avaliado parece então algo que tem que ser entendido como parte do processo educativo e da vida na sociedade. Haja vista que, em tudo que fazemos somos avaliados. No entanto, percebemos que as maneiras com que foram conduzidas essas avaliações em um passado recente são as resistências e concepções que fazem do tema um assunto tão polêmico. Queremos encerrar com uma frase de Paulo Freire que parece ser ideal a esse momento: “Pensar certo – e saber que ensinar não é transferir conhecimento é fundamentalmente pensar certo – é uma postura exigente. Difícil, às vezes penosa, que temos de assumir diante dos outros e com os outros, em face do mundo e dos fatos, ante nós mesmos” (p. 49).

Pensar certo neste caso é saber que todas as formas de avaliação tiveram e tem seu lugar na história passada, presente e certamente, o terá na futura, e saber em que cada uma consiste ajuda e esclarece, de forma especial aos educadores, a necessidade de sua aplicação, sabendo que não é fácil, como disse Freire, às vezes ‘penosa’, mas que precisa ser utilizada, é claro que sempre buscando o aperfeiçoamento e buscando ao máximo eliminar as aplicações inapropriadas com que foram utilizadas em outros momentos da história, mas sendo também consciente que toda mudança é trabalhosa e precisa ser debatida e testada até a exaustão para então ser firmada como apropriada, é assim em todos os segmentos científicos e não pode ser diferente quando falamos em educação.

MODIFICACIONES DEL PROCESO EVALUATIVO DEL APRENDIZAJE EN LOS PRIMEROS AÑOS DE LA ESCUELA PRIMARIA

RESUMEN²

Esta investigación se centra a esta temática: Modificaciones del proceso de evaluación del aprendizaje en los primeros años de escuela primaria. Presentamos los aspectos que involucran la evaluación del método tradicional de enseñanza, por el cual se utiliza el modelo de evaluación final cuya la memorización de los conocimientos se pone necesario, tan como, en la Escuela Organizada por Ciclos Formación Humana, que aporta una nueva metodología de enseñanza y una nueva forma de evaluar, la llamada evaluación formativa, cuyo objetivo es buscar la interacción profesor-alumno, respetando las competencias y proporcionando momentos para expresar sus ideas. Nos basamos en autores como Jussara Hoffmann y Jefferson Mainardes, que colaboran para la comprensión de cuestiones como: ¿Qué es la evaluación y ¿Cuál es la importancia de la evaluación en la educación y los ciclos tradicionales?. Usamos la Ley de Directrices y Bases, que nos informa acerca de la organización curricular, y cómo la evaluación debe realizarse de una manera que promueva el desarrollo del alumno. Para abordar los problemas subyacentes a la investigación, se utilizó un método de investigación cualitativa, a través de cuestionarios y entrevistas con un profesional del Centro de Formación y Perfeccionamiento de la Educación Básica para Profesionales de Sinop - MT, que nos ha presentado la visión de los problemas actuales y la evolución de este tipo de evaluación. Por último, consideramos que la evaluación en el cotidiano de la educación, presentando la necesidad de que todos los tipos de evaluación de manera que son presentadas las situaciones en que cada una es utilizada, y cuáles son sus objetivos cuando se las utilizan.

Palabras clave: Educación. Evaluación. Instrumento para el aprendizaje. La evaluación formativa. La evaluación sumativa.

REFERÊNCIAS

ARAUJO, Marisa Inês Brescovici. **Resistência Docente à Escola Ciclada**. 5 v. Brasília: Líber Livro. 2006.

BRASIL. Lei nº 9.394/96. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília, 20 dez. 1996. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/ldb.pdf>>. Acesso em: 14 abr. 2011.

² Transcrição realizada pelo aluno Fernando Hélio Tavares de Barros, do curso de Letras – UNEMAT/Sinop. (CRLE – Revista **Eventos Pedagógicos**).

DEMO, Pedro. **Mitologias da Avaliação:** de como ignorar, em vez de enfrentar problemas. Campinas: Autores Associados, 2002.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido:** saberes necessários à prática educativa. 18 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar:** Como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais. 10. ed. Rio de Janeiro: Record, 2007.

HOFFMANN, Jussara Maria Lerch. **Avaliação Mediadora:** uma prática em construção da pré-escola à universidade. Porto Alegre: Mediação, 1993.

MAINARDES, Jefferson. **Escola em ciclos:** fundamentos e debates. São Paulo: Cortez, 2009.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia do trabalho científico.** 5 ed. São Paulo: Atlas, 2001.

MIZUKAMI, Maria da Graça Nicoletti. **Ensino:** as abordagens do processo. São Paulo: EPU, 1986.

TRIVIÑOS, Augusto Nibal da Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais.** São Paulo, Atlas, 1987.

WEIMER, Mabel Strobel Moreira; NAKATANI, Noeli Bertelli. **Escola Ciclada de Mato Grosso.** 2 ed. Cuiabá: SEDUC, 2001

ENTREVISTA

BARBUIO. Ângela Maria Dezan: depoimento. [28 abr. 2011]. Entrevistadora: Mônica de Almeida Mendes. Sinop, MT, 2011. mp4 (43 min 07 seg). Entrevista concedida para a Monografia sobre as modificações do processo avaliativo da aprendizagem nos anos iniciais do ensino fundamental.